

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa -- 17 de Maio -- 1928

**5 TOSTÕES**

3.<sup>o</sup> ANO

Este número é autorizado pela Comissão de Censura

**104**

sempre  
**fiel** semanário humorístico

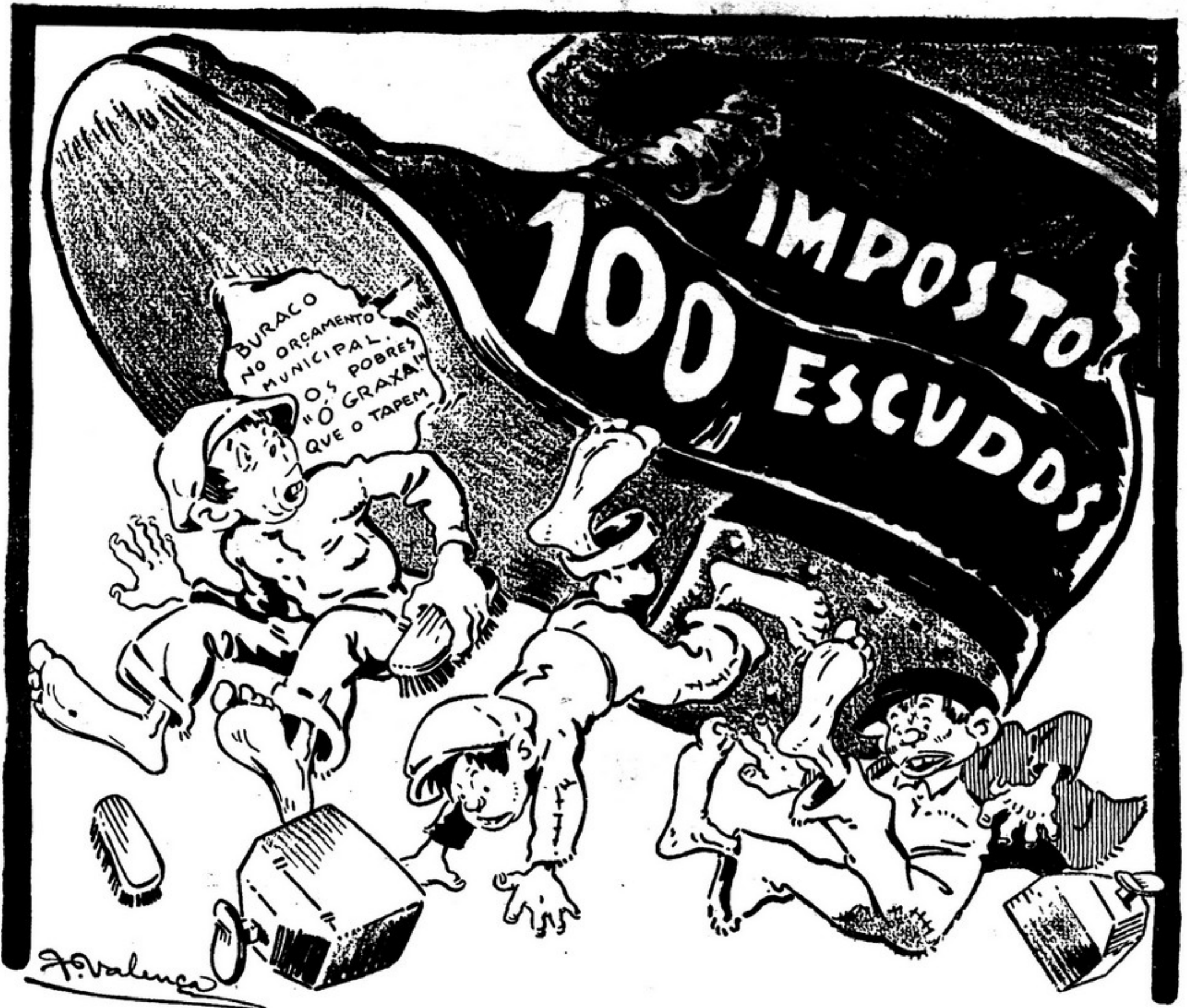


Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**"O' GRAXA!,"**  
Uma "espiga" esmagadora





# Os ditos da semana



## O nosso aniversário

O *Sempre Fixe* completa hoje dois anos de idade. Tem crescido e tem aparecido. A' quinta-feira aparece em todas as mãos, de bibe lavado e sorriso nos lábios, deixando ver aqueles dois dentinhos, com que ás vezes dá a sua ferroada, e que não se pode dizer que sejam *deleite* senão para aqueles que lhes não sentem a mordedura.

O publico tem-no acariciado. Tem andado ao colo de quasi toda a população e, se as vezes, não chega para toda a gente, a culpa não é nossa; pertence inteiramente á deficiência das estatísticas, porque ainda se não sabe ao certo qual é a população do paiz, para orientar as nossas tiragens. Temos tirado 6.000.000 mas parece que não chegam para a procura, porque o censo está errado. O unico senso certo é o que não é oficial, é o senso do publico que compra e lê o *Sempre Fixe*.

E não se admire o leitor de nós não entrarmos em linha de conta com os analfabetos, porque, embora pareça mentira, o *Sempre Fixe* é o unico jornal que pode ser lido por quem não sabe ler. Os seus desenhos são tão expressivos, que mesmo um analfabeto os compreende. De resto, o *Sempre Fixe*, tem apenas dois anos, e a gente entende sempre as gracinhas das creanças, mesmo quando elas ainda não sabem falar.

## Um autentico Magrico

Ha pessoas que tem da delicadeza uma noção muito particular. Entendem que a delicadeza consiste em ter os ou-



— Já fui lá ontem.

tros ás suas ordens para lhes dar passagem na rua, cosendo-se com as paredes, para apanhar do chão a bengala e as luvas que elas deixaram cair. Essas pessoas, porém, não têm obrigações para com os seus semelhantes. Que sejam delicados os outros.

Isto vem a proposito dum caso que se deu na semana passada. Vamos conta-lo: Scenario — a estação dos carros da Graça no Rocio. Hora da saída dos teatros. Muita gente e muitos carros. Um rapazinho loiro, quasi diafano, acompanha uma ranchada de senhoras. O carro que chega é assaltado pela multidão. O rapazinho loiro toma posição no estribo e comanda: — Vão entrando, vão entrando. E não entra ninguém senão quem ele quer, que são as senhoras da sua ranchada. Sur-

gem protestos. Quem mais protesta é um rapazito quasi imberbe, franzino, que se julga com direito a um logar no carro. O outro increpa-o:

— Seja delicado. Deixe entrar as senhoras.

— Quero cá saber das senhoras...

Força-se a entrada e entra toda a gente, porque toda a gente cabia no carro. Já na plantaforma, o rapazinho da ranchada vibra um directo nas ventas do rapazião imberbe e explica:

— Malcreado. Não querer deixar entrar as senhoras... Não ter uma atenção com as senhoras. Não sabe lidar com senhoras...

Desenhava-se uma certa simpatia pelo moço brioso que quer obsequiar senhoras á custa dos outros.

Para levar de carro a sua

ranchada, o rapazinho loiro, exigia o sacrificio dos outros passageiros que não conheciam as senhoras e também tinham senhoras em casa á sua espera. E não é bonito fazer esperar uma senhora.

O conflicto sanou-se. Não houve consequencias de maior, a não ser o sangue que espirrou pelo nariz do rapazito imberbe, como de uma torneira que não seja da Companhia das Aguas do sr. Carlos Pereira.

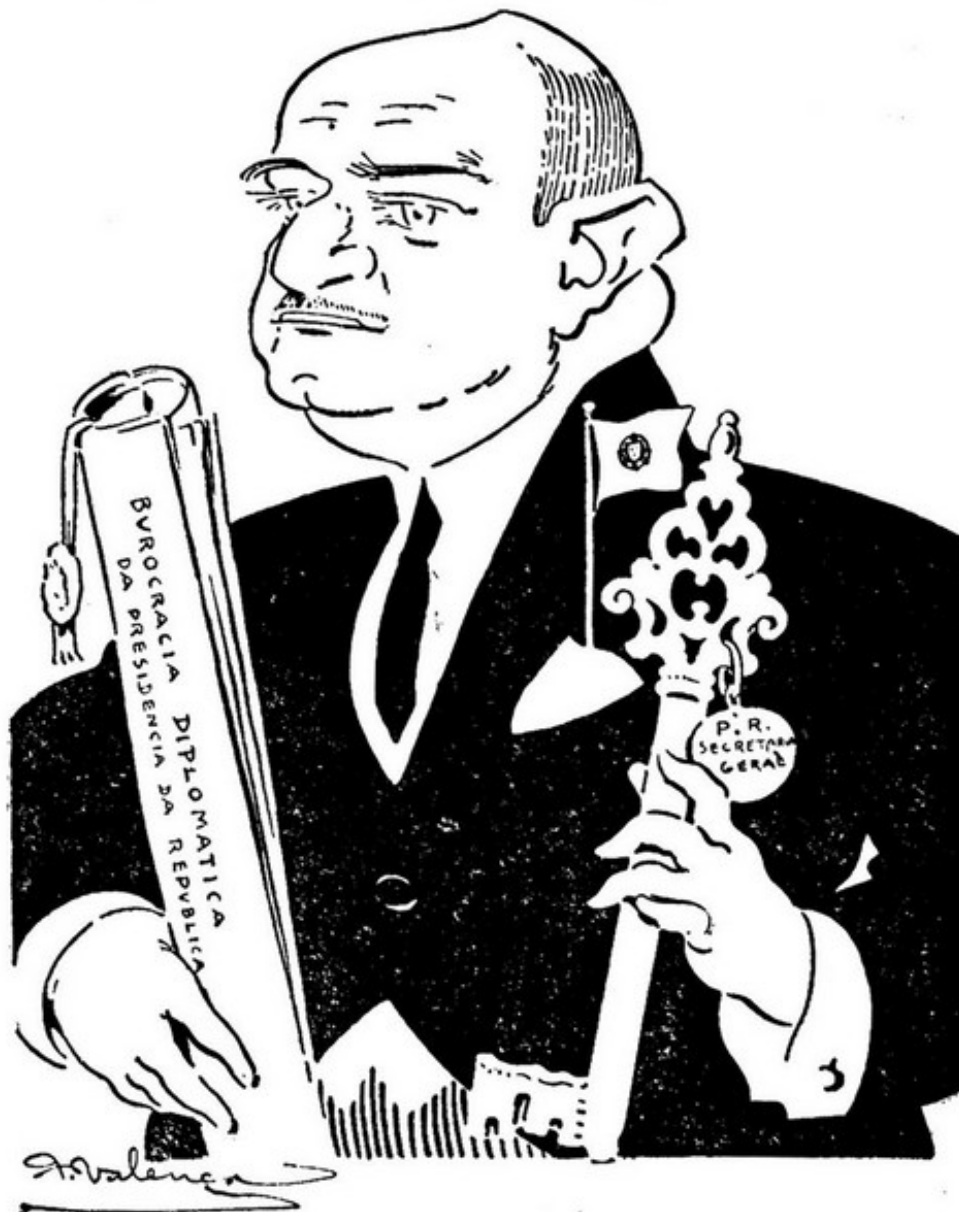
E o carro poz-se em marcha.

Entretanto vem o condutor: — Quem paga os bilhetes daquelas senhoras?

— Pagam elas, responde prontamente o rapazinho loiro.

Era a delicadeza em pessoa. Aquele Magrico entendia que as senhoras devem ter sempre a primazia em tudo. Mesmo para pagar bilhete não se deve tirar o logar ás senhoras.

## Comandante Jaime Athias



A troca do chapéu armado da Marinha pelo chapéu alto da Diplomacia. Não pela idade, mas pela competência, é um lobo do mar, manso como um cordeiro. Está ao leme da Secretaria Geral da Casa Presidencial, onde entre tanta talha dourada sobressai o ouro do seu coração.

## A fava trita

Recebemos um pacotinho de fava frita que, segundo o reclame que o acompanha, alimenta e predispõe ás bebidas. Os medicos aconselham-na como estimulante do apetite.

— Se não tem vontade de comer vá á fava... frita.

Experimentar é continuar diz o reclame da casa produtora, cujo emblema é trez setas cruzadas, encimadas pelas letras A. F.—A' fava.

O *Sempre Fixe* vai adquirir alguns pacotes para mandar ás pessoas que costumarem dar sorte com os directos que se lhe dirigem nestas columnas.



— Onde vais Inocencia?  
— Levo a vaca ao touro, sr. Prior.  
— O teu pai não podia fazer isso?...

## As modernas ocupações

A scena decorre num daqueles viveiros de ociosos ou antros de má lingua que dão pelo nome de cafés.

O nome é improprio. Deveriam antes chamar-se depositos de negociantes milicianos, ou cursos preparatorios para deputados, porque era ali, esmurrando as mesas, que muitos futuros pais da Patria se exercitavam para escavar a murro a mobilia de S. Bento.

Todos ali se dão ao trabalho fatigante de inventar qualquer maneira comoda de viver sem trabalhar.

A satisfação da lei do menor esforço, constitui, cada vez mais, a ambição latente do maior numero.

Um dos mais assíduos frequentadores, quasi permanente e podendo considerar-se como pertença decorativa do proprio antro onde vegeta, vem até á porta naquele ar coleante do peixe, que vem respirar á tona de agua.

E cristaliza numa humberia, olhando absorto o perpassar febril da turba.

Um amigo passa. Ele, detendo-o numa debil reacção de toda a sua indolencia de inactivo, pergunta:

—Onde vais, homem? A correr assim, não doves ir longe. Estabelece aqui uma paragem, ao menos para tomares o fôlego.

—Não posso perder um segundo, responde ofegante o interpelado; tenho inenno que fazer.

—Ora; sempre terás tempo de tomar alguma coisa.

—Tenho os minutos contados. Vou fechar um negocio á Brasileira e tratar de outro á Chave de Ouro. Impossivel deter-me.

—Mas o que fazes tu agora?

—Ando a montar uma grande industria; uma coisa colossal. E tu? Sempre na mesma vida. Nem emprego, nem occupação, nem vontade de os arranjar. Não fazes nada?

—Isso é o que te parece. Tambem tenho a minha industria.

—Qual? Vejo-te aqui sempre, parado pelas esquinas!...

—Ora ai está; como o tempo é dinheiro, ando aqui a fazer horas.

A. C.



—E' bem certo que para baixo todos os santos ajudam.

## O PERIGO DAS ESCOLAS

As ideias novas, os modernismos, provocam sempre confusões.

Foi o que se deu com o aparecimento de algumas escolas literarias e com certas manifestações intellectuais dos ultimos tempos.

Recordo, como exemplo, um caso a que assisti numa conferencia que Almada Negreiros fez uma tarde na Liga Naval e que intitulou «a Invenção do Dia Claro».

O publico não era numeroso, porque a «Invenção do Dia Claro», ás 5 horas da tarde não pareceu á maior parte, de grande utilidade.

Porém, entre os presentes, muitos havia, que não sabendo que se tratava duma conferencia futurista, tinham caído ali por engano, na mais candida ignorancia acerca das coisas extraordinarias que os seus timpanos iam, dentro em pouco, aperceber.

Nesse numero contavam-se duas senhoras de idade e um pequeno, que estavam na minha frente. Os seus comentarios e reflexões, absorveram grande parte da atenção dos que lhe estavam perto.

\* \* \*

A principio foi o programa que lhes causou nma serie de variadas conjecturas.

Dizia uma:

—Olha, filha, diz que é uma invenção de dia claro e fala aqui tambem de andaimes e vésperas.

—Uma invenção de andaimes! Talvez arquitectura, explicava a outra.

—Mas, replicava a primeira, não percebo andaimes e vésperas!!!

Então o garoto que as acompanhava explicou:

—O' tia, naturalmente é engano, tem letras a mais. Se calhar é andaimes e peras.

—E peras?!!

—Sim, tia, quer dizer andaimes grandes.

—Sim, talvez seja, concordou a po-

bre senhora, já um pouco desconfiada com aquilo tudo.

—Mas repara, dizia a outra, que o fim da primeira parte acaba em fim de dia. Olha que se calhar isto deita lá para de noite. Fizemos mal não jantar primeiro.

Mas nisto começou a conferencia e se até ali o programa lhes tinha causado um certo espanto e varios pontos de admiração, a partir desse momento a sua estranheza atingiu os ultimos limites. Se até ali não tinham percebido certas coisas, começaram então a não perceber coisa nenhuma. Bocas abertas de puro espanto, olhos desmedidamente abertos tambem, num desejo enorme de compreender ou decifrar, as varias afirmações que lhes caíam nos ouvidos como picaretas, as duas senhoras infundiam compaixão ao mais cruel.

Apenas me recordo que já quasi no fim, tendo ambas o garoto agarrado ás saias, com medo dos olhos esgazeados do orador, e na altura em que este se referia ao facto de «certa menina duma oleografia ter sido raptada por um arabe», as pobres senhoras, não sabendo o que pensar de tudo aquilo, diziam uma para a outra, duvidando abertamente já do estado mental do conferente:

—Coitado, como lhe teria vindo esta doença?

—Foi, parece que numa escola...

—Imagina! E que escola seria essa?

—Parece que futurista.

—Onde será?

—Parece que é uma escola nova.

—Ah! Talvez lá para as Avenidas Novas.

—Sim, parece que é muito moderna.

—Ai filha, é preciso um grande cuidado com as crianças nos collegios. O meu, pelo sim pelo não, vai para a Escola Academica.

## “Cães,”



—Papá, vem ahí o alfaiate. Quer que largue o cão?  
—Pois sim, minha filha, é mais prudente...

## De palanque...

Em tournée pela provincia, andava uma companhia, em que mui se distinguia

p'lo seu talento, modestia e pouco dinheiro, um actor, que um companheiro, com graça e contentamento dia a dia envergonhava e acerca de quem botava as mais estranhas piadas.

E o pobre, embora sentindo que tais falas engraçadas só visavam pouca-lo, sem protestos foi ouvindo os dichotes do colega, dizendo sempre: — «Deixá-l-o, tem graça, ninguém lh'o nega... Ora um dia, o tal actor apareceu, ao jantar, tão triste, que se diria que o pobre, de mal de amor, coitado! muito sofria...

Ao tal colega engraçado tornou-se o facto notado, p'lo que ao outro perguntou: — «O que tens? Estás doente?»

—«P'ra te dizer francamente, logo o outro contestou — estou triste; ando a pensar num sonho que tive ha dias...»

—«Então que foi? Conta lá...»

—«Sonhei que tinha morrido e eu andava, aborrecido, lá em cima a procurar uma forma habilidosa, bem correcta e cautelosa de no céu poder entrar sem protestos de ninguém.

Andei p'ra traz, p'ra deante, sem saber o que fazer. Mas depois... a certa altura, eu tive a grande ventura de perceber

que entre os mortos... tu tambem, que tu tambem procuravas

— e nisso mui te empenhavas — entrar as portas do céu...

S. Pedro falou contigo e depois... deixou-te entrar.

Eu disse logo comigo: Entraste?! Pois tambem eu hei de entrar. E porque não?

Isto pensado, avancei e, com toda a correcção, S. Pedro cumprimentei e logo sollicitei

lá no céu a minha entrada. S. Pedro olhou para mim e depois falou-me assim:

— Mas que foste tu em vida?

— Eu? S. Pedro e meu senhor; lá em baixo, fui actor!

— Pois aqui não fazes nada! Tens a tua alma perdida!

Cá no céu não pode entrar e escusa disso pensar quem na vida foi actor!

— Hom'essa! — lhe respondi, Se inda ha momentos eu vi entrar p'ra aqui, sem favor, um colega e meu amigo...

e porque é que eu não consigo?!

— De quem falas? — perguntou.

— Daquelle! — lhe retorqui, apontando para ti, cheio de medo e temor.

— Julguei-te mais int'ligente, esse, nunca foi actor!

— diz S. Pedro, sorridente.

Luiz Figueira.



— Tua mulher mergulhou e ainda não veiu a cima.

— Não admira. Ela cança muito nas subidas.



**Uma anedota por semana**

**Para entrar no céu**  
O acaso fez com que morressem no mesmo dia um jockey celebra e um eminente deputado, tido por grande orador e por muito devotado á causa da instrução.

O jockey, que tinha ganho todas as corridas em que entrara, teve de se reformar, devido a ter ficado mutilado. O deputado era um esteta, um elegante, que estava sempre para ser ministro mas que, mau grado seu, nunca o foi.

Como o deputado tivesse morrido uns minutos mais cedo do que o jockey, foi o primeiro a bater á porta do céu. Apareceu S. Pedro, que lhe perguntou:

— Que vens tu cá fazer?  
— Sou o celebre deputado X, que votei para que muitas leis boas fossem aprovadas, e quero entrar no céu.  
— Meu filho — respondeu S. Pedro — tem paciencia, mas já ha cá muitos politicos. Vai bater a outra porta... á porta do Purgatorio.

E, cabisbaixo, o deputado começou a descer as escadas, quasi sem fim, que conduziam do céu á terra.

Pouco depois, bateu o jockey á porta do céu e S. Pedro fez-lhe a pergunta protocolar:

— O que vens cá fazer?  
— Sou o celebre jockey Y., que conseguí acabar a vida em santa paz.  
— Cá não se admitem jockeys sera montada.

E, dizendo isto, S. Pedro fechou a porta na cara do jockey, que, melancolico, voltou pelo mesmo caminho, meditando no azar de não ter levado o cavallo para o céu. A certa altura encontrou-se com o deputado:

— Que faz você por aqui? — perguntou ele.

— Vim do céu, donde fui corrido por não ir a cavallo...

— Também eu fui corrido porque já lá havia muitos politicos. E mandou-me bater a outra porta.

— Também a mim — disse o jockey. De repente, um sorriso perpassou nos labios do deputado que, voltando-se para o jockey, exclamou:

— Tive uma boa ideia, que nos serve a ambos. Como S. Pedro o deixa entrar no céu se for montado, você monta-se em mim e, assim, conseguiremos entrar os dois.

Meu dito, meu feito. E o jockey, montado no deputado, bateu novamente á porta do céu.

De novo apareceu S. Pedro. O jockey, já então muito contente, atacou logo:

— Agora já posso entrar?

S. Pedro pôs os óculos de aros de tartaruga, examinou-os detidamente e disse:

— Não podes entrar! Eu disse-te que viesse a cavallo e tu vens de burro... Não podes entrar.

**A MODA**



A, ultima palavra em elegancia feminina

**TAC-TAC-TAC**

**O infeliz Sezinando**

Quando entrei na loja, onde, com regularidade, me provia dos varios secos e molhados, de que o meu lar tem mister, Sezinando não estava, como de costume, ao balcão.

Logo a surpresa me tolheu, porque Sezinando é regular no desempenho de suas funções de empregado da confiança de Costa, Lopes Limitada, os conhecidos e bemquistos negociantes da nossa praça.

— Sezinando? perguntei eu com certo ar de aflicção ao marçano que nesta altura procedia, com severa atenção, á limpeza de suas ventas, fazendo bolinhas.

— O sr. Sezinando está muito mal respondeu-me solícito o rapazinho, alimpando á pressa os dedos nas mangas do sebento balandrau que o revestia.

Mas, já Sezinando que me ouvira, aflorara á porta do fundo, a que dá para o deposito dos azeites.

Espantado recuei, fitando-o. Sezinando trazia a cabeça entrapada como um autentico moiro de Marrocos, tinha um olho fechado sob um enorme volume duma coisa arroxeada—que, depois, reconheci ser a propria carne magoada—um braço tinha-o ele pendente do pescoço e, coxeando, mal podia suster-se nas pernas.

— Sabes lá a minha desgraça! exclamou logo que pôde enxergar-me.

— Vejo que estás em misero estado... retorqui—Mas senta-te aqui ao balcão e conta-me o que de tão grave te succedeu.

Sezinando sentou-se, não sem que dolorosamente se lamentasse de lhe doer o pubis, e disse em voz pausada e triste:

— Como sabes, vivo ha muitos anos com a D. Osga que, como o seu nome indica, me atormenta a existencia como uma insistencia digna da Costa de Africa. Ora, eu propunha-me abandoná-la definitivamente e, para isso, fui ontem prepará-la para o grande golpe. Apenas, porém, tinha tido tempo de começar o exordio, apanhei com uma garrafa na cabeça que me ia desfazendo o toutiço. Talvez pela surpresa do ataque, desateli a fugir e fui-me meter na primeira porta aberta que encontrei. Ela atraz de mim gritava que a quizera desonrar. A porta aberta era a de um posto de policia, onde os seus componentes me receberam á pranchada bravia. Consiço, a custo, escapar-me daquela gente e lanço a mão ao corrimão da um electrico que ia passando a nove. Ela, lepida agarra-me uma perna com tal gana, que lá fomos assim, eu pendurado e ela de rastos...

— E depois?—interrompi, com medo de que tudo aquilo fósse parar á morgue.

— Depois, eu lembrei-me que ela poderia suicidar-se e, mais uma vez, cumprí o meu dever. Larguei o electrico e cai desamparado batendo com a pinha num passeio. Mas o peor não foi isso...

— Então o que foi, meu rapaz?

— E' que a Osga morreu, coitadinha!

**Congresso Beirão**



— Com isto do Congresso o unico peixe que aparece é o dr. Peixinho.

**BOM HUMOR**

Ele, lendo a gazeta:— Gosto muito de ver o meu nome nos jornais.

A mulher:— Onde está?

Ele:— Aqui, onde dizem: «e outros que não podemos recordar».

\*\*\*

A patrão:— Não me convém. E' muito baixa.

A ama:— Melhor ainda, minha senhora. Se o menino cair no chão, pouco sofrerá...

\*\*\*

Ela, muito magra:— Eu sou madame Santos. Foi o senhor que bateu no meu marido?

Ele, muito gordo:— Se fosse eu já a senhora, a estas horas, seria a viuva Santos!

\*\*\*

— Joanito: porque se chama a este dedo—polegar?

— E' porque serve para matar pulgas...

\*\*\*

— Então já sabes: no dia 29 haverá uma catastrophe universal, maior do que a Grande Guerra.

— A que horas começa?

\*\*\*

— Mariasinha! Não estás satisfeita por teres mais um irmão?

— Estou, papá... mas preferia um coelho...

\*\*\*

Ele:— Tenho o orgulho de poder dizer que comecei a vida sendo obrigado a andar descalço.

Ela:— E os sapatos que calça, agora, são seus?

\*\*\*

Na livraria:

Ela:— O senhor tem o «Coração do lido»?

O caireiro:— Não, senhorita, mas soffro horrivelmente da cabeça...

\*\*\*

No Chiado:

— Mãe, vamos ver aquele homem que foi atropelado por um automovel?

— Não percamos tempo, filha: certamente encontraremos outro mais adeante...

\*\*\*

— Que lindo carro! Onde o arranaste?

— Num concurso automobilistico.

— Ganhaste-o?

— Não: organizei-o...

**Sortes grandes**  
só o PINA as vende  
75 - Rua de S. Paulo - 77

**Aficionados**



Ele — O Silva parece que olhou demasiadamente para ti.

Ela — Eu não reparo, mas se isso fósse realmente verdade, podias ter a certeza de que te metia outra vez no curro.

# Elevador da Gloria

Ha uns dias, pouco mais de seis, talvez sete, acaso oito, é possível que dez, seguramente onze, creio que doze, mandámos inserir, na oitava pagina de um diario da capital, o seguinte anuncio:

«Cavalheiro respeitavel, ainda que baixo, necessita urgentemente quarto mobilado, com direito a receber visitas.»

Vinte e quatro horas depois, estavam em nosso poder trinta e duas respostas. Damos á estampa as três que nos parecem mais interessantes:

### CARTA N.º 1

(Escrita em papel amarelo e com um destes aparos que se agarram ao papel semeando gotas de tinta).

«Ex.º Senhor, da minha mais alta consideração:—Estando a almoçar, li o seu anuncio, referente ao quarto que deseja. Sou ainda nova e fiz a minha educação no Berlitz School, detalhe que lhe comunico para o senhor saber que trata com uma pessoa de principios e de boas familias. Disponho dum quarto que se encontra agora cheio de coisas velhas, mas que é amplo e tem ventilação para a cozinha da casa. Como fazemos a comida a gaz, não ha que recear do fumo. Creio que ficará entusiasmado com o quarto e que me honrará com a sua visita.

Joana de Sousa.

P. S.—Não fale com o porteiro; e se o fizer, só lhe fale de politica.»

### CARTA N.º 2

(Escrita em cartolina cor de rosa, tendo-se no angulo superior esquerdo: Marguerite).

«Querido monsieur: Li o seu anuncio e apresso-me a escrever-lhe. Eu tenho, monsieur, uma petite habitação, que certamente lhe agradará. Tem janelas para a rua e é très independente. O quarto que lhe reservo é ravissante e eu sou duma extrema sagesse. Vivo só, apesar do meu coração ter dono. Vim ha pouco de Bordeaux e não cobrarei pelo quarto mais de quatrocentos escudos.

Marguerite Roviers.»

### CARTA N.º 3

(Escrita em papel almasso, com uma grafia apocaliptica).

«Cavalheiro: O que deseja tenho em minha casa. Se quizer roupa lavada e comida, tambem. Em casa ha um gato, mas é muito limpo. São modicos os preços. Se quizer, coser-lhe-hei a roupa, porque todas as tardes vou para a porta coser. Sou parteira e, quando tiver que sair, pedir-lhe-hei o favor de atender os vizinhos. Sendo assim, levo-lhe apenas trezentos mil réis pelo quarto, á parte extraordinarios. Chamo-me Inacia.

Muita saude e cá o espero.

Inacia.»

Pela copia das cartas,

X. Z.



Patrão — Romão, por onde diabo coaste o café hoje?  
 Criado — Eu, senhor, por uma meia.  
 Patrão — Por uma meia?  
 Criado — Não se inquiete; era minha e já suja.

## VIDAS SOMBRIAS

# Job, o predestinado

Este rapaz nasceu sob um signo malefico, como outros nascem sob signos beneficos. Não sei ao certo em que mês nasceu; mas o signo que o tem acompanhado sempre é, sem contestação possível, o signo de Capricornio. Pobre Job, que ha de ele fazer á sua triste vida?!

\*\*\*

Eramos nós meninos e moços, corria ridente a nossa infancia numa cidade da provincia, quando conhecemos Job. Eramos nós creanças, já ele era homem; já tinha as suas aventuras; já namorava de janela abaixo, como se namora na provincia, e como, de resto, se namora ainda nalgumas ruas provincianas da capital. Passava horas esquecidas, o pobre Job, dia e noite, encostado a um candieiro da iluminação publica, namorando a menina do primeiro andar. Mas, quem era esta menina? Ouviu agora, senhores, uma historia de pasmarr...

\*\*\*

Job tinha dezoito anos, Mademoiselle Miquelina tinha dezeseite. Mas dezeseite anos voluntariosos, ariscos, impertinentes, que fariam dela uma sogra irascivel — sendo apenas namorada — e fariam de Job uma pobre-diabo, joguete nas suas mãos, escravo dos seus caprichos. O pobre rapaz não tinha senão que obedecer. Se não obedecia, chovia-lhe sobre a cabeça, atirada com toda a violencia duma voz de megérra, uma chuva de improperios, piores uns dos que os outros, quando não eram as janelas fechando-se com fragór, quebrando ás vezes os proprios vidros.

Então Job, que amava, chorava. Pedia todas as desculpas e todos os perdões. Miquelina, porém, era exigente: filha dum major reformado, constantemente encontrado, perdido de bêbedo, por todos os cantos da cidade, tinha sangue na guelra e habitos de disciplina feroz.

— Queres que te perdõe? Ajoelha e pede de mãos postas.

E o pobre Job, que amava, ajoelhava, implorava, supplicava. Miquelina então, e só então, perdoava.

\*\*\*

Tantas vezes estas scenas se repetiram, que toda a gente sabia. E, uma bela noite de verão, quando Job, mais uma vez, se ajoelhava junto do candieiro e implorava o perdão de Miquelina, appareceu um grupo de mascarados que o amarrou de pés e mãos á columna do candieiro. Miquelina não se revoltou; soltou uma gargalhada.



— Não te envergonhas de apparecer nesse estado?  
 — A culpa não é minha; julguei que já estivesse a dormir...

Job chorou de raiva e vergonha. E o guarda-nocturno teve que o libertar.

\*\*\*

Anos passaram durante os quais, intermitentemente, Job e Miquelina se namoravam e deixavam de se namorar. Sempre os mesmos improperios, sempre as mesmas exigencias, sempre os mesmos insultos, sempre as mesmas transgencias. Mas, um dia, Job sentiu-se homem e rompeu definitivamente.

\*\*\*

Mas Job, que é um sentimental, precisava casar. Encontrou uma vizinha que lhe deu no góto. Não tinha educação, mas era bonita. Vestia bem, era bem feita de corpo e tinha os olhos azues. Job tinha uma preferencia acentuada pelo genero «forte»: Miquelina não era gorda, Mafalda não era magra. E um belo dia, lá foram a caminho da igreja. Job rejubilava: o passado era um pesadello, o futuro apparecia-lhe risonho. Mafalda tambem se sentia feliz: Job era tão bom rapaz... um pobre-diabo...

\*\*\*

Estava escrito, porém, e o que tem de ser tem muita força. Por toda a parte se dizia já que Mafalda, emfim, tinha as suas aventuras; citavam-se nomes... Job, porém, de nada suspeitava. Mafalda era para ele um anjo de candura... E foi preciso, para sober o que toda a gente sabia na cidade, que um conhecido lhe raptasse um dia a mulher de casa. Eram casados ha dois anos, e Job caiu das nuvens e desapareceu para longe da terra que lhe fôra berço e berço, ao mesmo tempo, das suas desgraças.

\*\*\*

E Miquelina? Esquecia-nos dizer que ao tempo em que namorava Job da janela abaixo, se contavam dela edificantes historias passadas com os companheiros do Liceu. Toda a gente sabia, menos Job. Pois bem. O pai de Miquelina morreu, e ela, que já não tinha mãe, ficou só. Vimo-la ha poucos dias, na «gare» do Rossio, meia acabada — trinta anos precocemente envelhecidos — pés de galinha em abundancia, mal vestida, pelo braço dum quidam sombrio, que não vestia melhor do que ela. Rainha destronada! Mas, mesmo sem trôno, os pretendentes são varios; e, para contentar todos, Miquelina dá o braço hoje a um, para o dar amanhã a outro...

Assim está o mundo.

## Uma pequena diferença

No «hall» dum grande hotel, á hora do calor, depois do almoço, duas senhoras que nunca se tinham visto mais gordas, ou melhor dizendo, mais magras, porque ambas são de muito peso, travam um destes dialogos de hotel, que geralmente, depois, não têm repetição fora daquele ambiente heterogeneo, de transição á acaso.

Uma veste com simplicidade e bom-tom, a outra, com espalhafato sem tom nem som.

Diz a primeira:

—Frequenta muito estas aguas?

—Sim, ainda ha 3 meses aqui estivemos.

—O quê! No inverno!

—Sim, viajamos muito.

—Nós tambem. O ano passado estivemos no estrangeiro, porque o meu marido esteve na Sociedade das Nações.

—Tem graça, o meu marido esteve tambem ha pouco tempo para entrar para uma sociedade parecida

—Sim!?

—Sim, parece que uma sociedade para um hotel de Duas Nações, se não estou em erro.

—Oh! não, esta é em Genebra.

—Tambem já tenho bebido.

—Viajam então muito?

—Imenso.

—Nós tambem, o meu marido é doído por viagens e depois como os seus afazeres lho permitem, não pára em Lisboa.

—O que faz ele?

—Nada. É capitalista.

—Tem graça; o meu tambem tem um emprego parecido.

—O que é?

—Capelista.

—Ah! sim, de facto, é apenas uma pequena diferença de algumas letras... de cambio.



—Sabe que já tenho mais um filho?

—Então como se chama o recém-nascido?

—Neofito.



—O seu marido precisa dum forte calmante.

—E quando é que ele toma isso?

—Não é ele que o toma, é a senhora.

# A esperteza de um reporter

Benito Rodolfo era o mais categorizado reporter do jornal de maior expansão em todo o país da Microbilândia.

Bom rapaz e bom vivant, audacioso e persistente, interessando-o especialmente os desportos e a rua, Benito Rodolfo breve estava feito no jornalismo, e se não era um «az», como ele vaidosamente se julgava, no complicado baralho da reportagem, era, pelo menos, um impagável «duque» quando envergava nas grandes solenidades a sua nobre, elegante e invejável labita estilizada...

Como todos os indigenas da Microbilândia, Benito Rodolfo era de mediana estatura; redondinho e esportado, com certo olfato policial, a sua curta carreira não estava, todavia, isenta de certas falhas, algumas tão comicas e crassas que bastante contrastavam com o seu apregoado e disparatado talento.

Assim, conta-se dele o seguinte:— Certo dia vai-lhe ás mãos um telegrama, pouco mais ou menos assim redigido:

NOVA-YORK—O celebre boxeur F. foi morto combate soco novital.(H.)

Benito Rodolfo leu o despacho, sorriu com certo ar de triunfo, e pegando nuns «linguados» redigiu a seu modo o seguinte:

NOVA-YORK.—No combate de box ontem aqui realizado, o celebre campeão F. foi morto com um formidável sóco, ás «9,15».—(H.)

O portentoso redactor desportivo, não lhe sendo familiar a anatomia e supondo que o novital do telegrama original era gralha e se referia á hora aproximada a que se realizara o match, disse lá com os seus botões:

—Nada!... «nove e tal» não fica bem... até parece mal a um jornal destes não noticiar exactamente a hora!...

...E zásti pregou-lhe com os 9,15!!

Outra:— Chamada ao telefone da mesma gazeta para tomar nota de um acidente de rua, o nosso belo Rodolfo atendeu da seguinte maneira:

—Está lá?... Ah... é você?... diga... (escreve) Na rua José... quê?...

—Na rua Josefa d'Obidos...

—Sim... diga... diga...

No dia imediato, na secção competente, o diario em que Benito pontificava publicava o seguinte, a abrir a noticia:

### QUEDA FATAL

Ontem á noite, na rua José Fadobidos... etc.

Pela copia

### Pig-Meu



—Aqui estará como em sua casa.  
—Então vou-me embora. De lá venho eu para estar socegado.

# Fitas faladas

## Fatty, Mamilo á Groza

O meu caro cinéfilo-leitor foi na semana passada ao Politeama? Pois, se não foi, fez mal. Foi anti-rinolupista, anti-fatimista, anti-patriotista, anti-humorista e anti-barriguista, pois perdeu uma daquelas barrigadas que marcam na vida dum homem.

Eu fui. Vim de lá com uma dor nas cruzes — sem irreverencia! — que parecia que tinha ido á Cova... da Piedade de automovel.

Com grande espanto meu e até dos circunstantes, no principio não appareceu o sr. Rino Lupo, nem em carne e osso, nem reproduzido no celuloide, em plano italiano ou, pelo menos, em plano macarronico... á italiana. Apareceu muita prosa, muita prosa, e mais prosa e ainda mais prosa, com responsos em latim e erros gramaticais em português. Quando afinal appareceu a primeira imagem — allás bastante difficil de imaginar — era só *pá disfarçá*, pois a prosa não desistiu de fazer as suas bem pouco milagrosas aparições durante aquela avalanche de partes, de prologos e de epilogs. Resado o terço — um terço que parecia um melo... para nos convencer — o sr. Rino Lupo foi substituído sem vantagem por uma Senhora, que de balde procurou convencer-nos que era a Nossa.

Depois fomos todos até ao Minho, ver um fidalgo morrer de cólicas, com morte macaca — porque morreu aos pinotes — assistido por um padre, que queria ter a certeza de que o Unhais se não agarrava á vida com unhas e dentes, pois era capaz de desatar a fazer heresias pelas treze e tantas partes abaixo. O D. Unhais tem uma patraõ, com a barba toda, — ou com a cara suja, não averiguámos... — uma filha, Krüger á ida e piegas á volta, um mordomo careca e mais uma filha do mordomo, que é paralitica até nova ordem. Ficámos logo scientes de que era a D. Aida Lupa a milagrosa indigitada. Por isso, desejámos-lhe sinceras melhoras, para ver se a super-produção ficava pela super, sem chegar á produção, que é o pior de esfolar e o mais duro de roer. Afinal de contas, conforme já vinha no Borda d'Agua, a D. Aninhas só se curou no fim da fita, milagre que, talvez por ser milagre, é um milagre de interpretação.

A condessa mais a filha, arruinadas a olho nú, vêm para Lisboa, para uma casa muito grande, a fim de poder dar largas ao seu desgosto. O sitio para onde vão morar é um dos mais dolorosos contrastes da fita: moram na Graça; e a situação delas palavra que não tinha graça nenhuma.

Entre o prego e a Praça da Figueira, depois duma agitada perseguição dum papo-sêco atrevido, a massa arde nas unhas das Unhais. E' preciso recorrer aos anuncios, — «pequenos

quadrados de papel» de que o legendista nos dá uma definição digna de enciclopédia, — e lá se coloca em casa do nosso presado amigo Henrique de Mendonça... perdão! Aquilo é fita!... em casa do sr. conde de Tovar, que, pelo visto, já não quer saber do rádio, tais são as arrelias que lhe dão o rebento e a rebenta, quero dizer: o filho e a filha. O filho que é o *galão* da fita, é um *jovem-primeiro*, que tem um *Faro* especial para *desinquietar* — creio ser este o termo habitual as *soubrettes* que sobram do pai, adentro do palácio. A filha passa a vida a tomar *chá branco* (sic), uma inovação tecnico-chalada do sr. Rino Lupo — gostamos muito mais de *rin...a frigideira!* Conheciamos o chá preto, o chá verde e o chá ás riscas. Mas chá branco... só de Bueclas! Muito a proposito, aparece o Antero com uma cegonha em tamanho natural, dando-nos a ideia mais completa que tivemos do *gros plan* — porque ele estava mesmo muito *grosso!* — e habitando-nos a desculpá-lo, pois uma piteirice daquelas não se *coze* nem numa fita em séries, quanto mais em oito minusculas partes.

O drama desenrola-se com a rapidez habitual e vertiginosa. Paixão mutua e inexplicavel. Sarilhos com a Alice Ogando, que aproveita a occasião para nos contar aquella historia que começa assim: «Era uma vez um amor...» Confissão. Afastamento. Esquecimento impossivel. Correria automobilística e milagre.

Milagre seria se o sr. Antero jurasse por todas as velas de Fatima que nunca mais fazia cinema!

Milagre seria a D. Maria Judice prometer que nunca mais imitaria o Senhor dos Passos, naquela scena da Senhora das Passas!

Milagre seria nunca mais chamarem fita portuguesa a toda e qualquer miscelania cosinhada entre competencias estrangeiras! O seu a seu dono. *Fatima Milagrosa*, graças a Deus, é mais italiana e mais francesa do que portuguesa!

Milagre seria se o sr. legendista se matriculasse na escola oficial mais proxima e fosse redigir para a firma mais afastada, podendo então estilizar e até *esterelizar* os tangos que lhe aproovessem, plagiando *crepusculos interiores* e tudo!

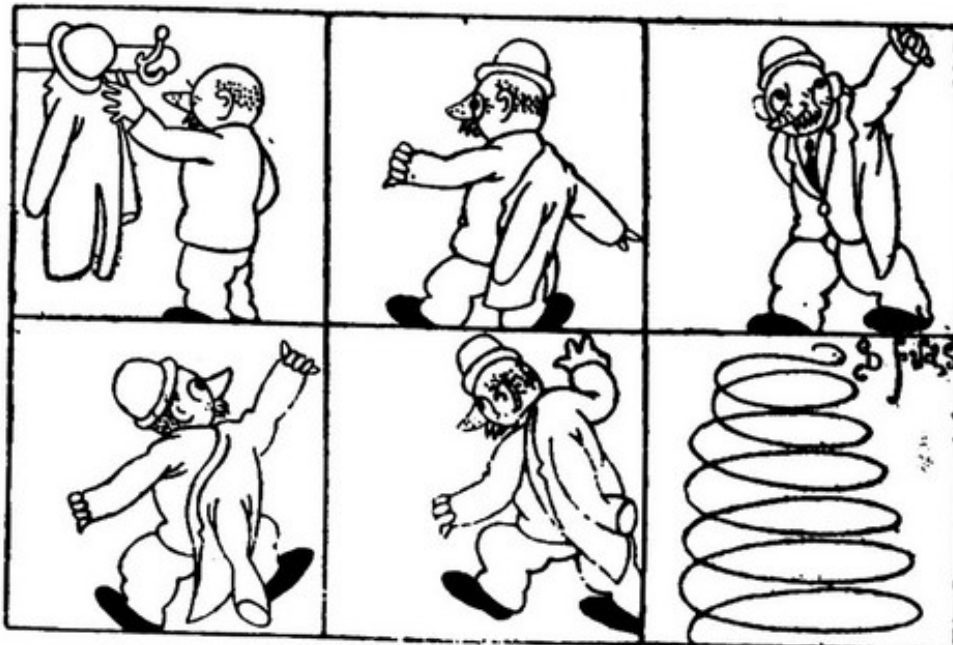
Milagre seria, finalmente, o sr. Rino Lupo decidir-se a ir cantar o «pagaio loiro» para a Italia ou para a America, visto serem essas as suas ambições.

Quanto ás criticas portuenses... — *O' feilhos! Isso é gárganta!*... (N. B.—Pode levar o Romão e a dentadura do Antero).

Retardador.

# A' procura da manga

(Conto mudo)



# Coisas do Arco da Velha

As fitas veem de longa data. Já no tempo do sr. D. Afonso Henriques se fizeram fitas e não foram precisos os *cow-boys* da *Paramount*. Todos nós conhecemos perfeitamente do banco das escolas aquela super-produção em que o *Conquistador* meteu a sua propria mãe em bolandas em varios episodios de pancadaria que se desenvolveram á custa de uma serie de correrias a cavallo, tal qual como nas fitas americanas.

E' claro que, com o andar dos tempos e dos cavalos, a industria atingiu tão grande incremento que é vulgar, nos tempos que vão correndo, fazer-se uma fita por dá cá aquella palha...

Vendem-se fitas ao balcão dos *retrozeiros*; fitas a retalho; fitas de *nastro*; fitas em *matinée* aos domingos e em *soirée* da moda ás terças... Fazem-se fitas na rua, em casa e até nos electricos...

Usaram-se fitas nas ceroulas e no cabelo e foi preciso que aquelas encolhessem a ponto de chegarem a cuécas e que este se cortasse á *Garçonne* para que as fitas se mudassem do balcão do Grandela para o balcão do Tivoli e que, em vez de se desatarem, como era uso, passassem a *des-trocer-se*...

Ha fitas para todos os paladares e varias opiniões; ha fitas no «S. Luis», no «Olimpia» e no «Politeama»; ha fitas no «Foz» com as espanholas e *fitas* das espanholas com o Emauz; ha fitas largas e estreitas; grandes *fitas*; metralhadoras com fitas e *fitas* com metralhadoras e civis; ha fitas para maquinas de escrever e *fitas* das meninas que escrevem á maquina...

Quando se faz uma fita, geralmente costuma armar-se uma scena de pugilato, e, como as fitas teem varias partes, chama-se a isso uma *parte gaga*... Ha umas que abrem em iris e fecham com um beijo na boca; outras que começam á facada e acabam no Governo Civil em *fondue*, calabouço n.º 6... Estas são chamadas as fitas policiaes. Custam caras mas são faladas no Tribunal dos Pequenos Delitos... Para este genero de filmagem não se usa o toma-vistas porque se emprega com vantagem o *toma-disto*... O *toma-disto* é uma aparelho muito delicado que funciona perfeitamente bem nas mãos dum policia mal disposto e que se agita de cima para baixo ou de baixo para cima, conforme a posição do civico...

Como não ha ninguém que não queira ser fotogénico, é raro aquele que não é *fiteiro*... Isto das fitas é velho na historia. Aqui para nós, qual é a mulher que no chapeu ou na camisa, nos sapatos ou nas ligas, não usa uma fitinha?... E qual é o homem que a não *fit* se a perna for bem feita, quando ela sobe uma escada ou entra num electrico?...

Se algum de vós se julgar capaz de não olhar, desde já o aviso que essa fita para cá não pega...

Sete e Meio.



— Maldito tempo. Sempre a chover!...



O que se diz e o que se não deve dizer

## Um "récord" -- 104 desafios em dois anos

Ha dois anos que o *team* do *Sempre Fixe* entrou no *ground* publico, a disputar o campeonato da Piada.

E é este o 104.º desafio de tão afamado grupo. Porque ha dois anos que a *equipe* não falha uma semana, jogando sempre, de verão e de inverno, sem se importar com o sol ou a chuva, nem com os vento contra...

O esforço tem sido premiado. Porque após tantos *matches*, o *Sempre Fixe* vê acorrer á bilheteira, todas as semanas, os seus milhares de partidarios fieis. Logo: o publico gosta — a tecnica é boa. E assim até dá gosto jogar com todo o tempo e contra todos os tempos...

Nêste campeonato da Piada não ha taça. O premio é atribuido pelo publico. E o *Sempre Fixe* pode, sem validade, intitular-se campeão.

Como todos os grupos, o *Sempre Fixe* queixa-se duma coisa — de ser ás vezes um pouco prejudicado pela arbitragem do Carmo. Com efeito, os

juizes daquele largo marcam-nos ás vezes cada *penalty* — que é de desmoralizar um *team*...

Quasi sempre estes *penalties* resultam de *mão* do Valença. Mas, embora este jure que a *mão* não é intencional — o Carmo marca e a gente protesta baixinho, não vá o arbitro pôr-nos fóra do campo...

"Arranja-se mais coragem e volta-se ao ataque.

O Pedro Bcrdalo a *center-half* continua serenamente a comandar o jogo, como se nada tivesse havido. O França, a *back*, ata um lenço á cabeça e alivia o campo. E na linha de *forwards*: o Valença, o Amarelhe, o Stuart, o Barradas e o Botelho fazem filigranas, *passam*, *dribblam* e marcam os *goals* necessarios.

O publico aplaude.

E o Alfredo Pinto *encontra*...

\*\*\*

Na semana passada era esperado

com grande anciedade o numero de sexta-feira de *O Sport de Lisboa*. Dizia-se inserir esse numero um sensacionalissimo artigo de Henrique Vieira sobre varios escandalos do *Portugal-França*.

Salu o artigo. Mas não saíram os escandalos.

Dizem que houve quem respirasse.

Mas tambem houve quem suspirasse...

\*\*\*

Já foi publicada a lista dos nomes de que se compõe a delegação portuguesa de *foot-ball* a Amsterdam.

Não se esperou sequer pela realização dos jogos do campeonato de Portugal, anteriores á partida. E isto apesar da instabilidade de fórma dos nossos jogadores, que *sobem* e *baixam* em menos de quinze dias. Dir-se-hia que estavam os lugares marcados...

A delegação atinge um total razoavel. Deus permita que se não possa

dizer depois: — a Amsterdam foram tantos... e jogaram tão poucos!

\*\*\*

Nesta ida á Holanda ha um pormenor interessantissimo.

Diz-se ha muito que o nosso Comité Olimpico não *grama* o *foot-ball*. E' uma hostilidade *silenciosa* mas tenaz.

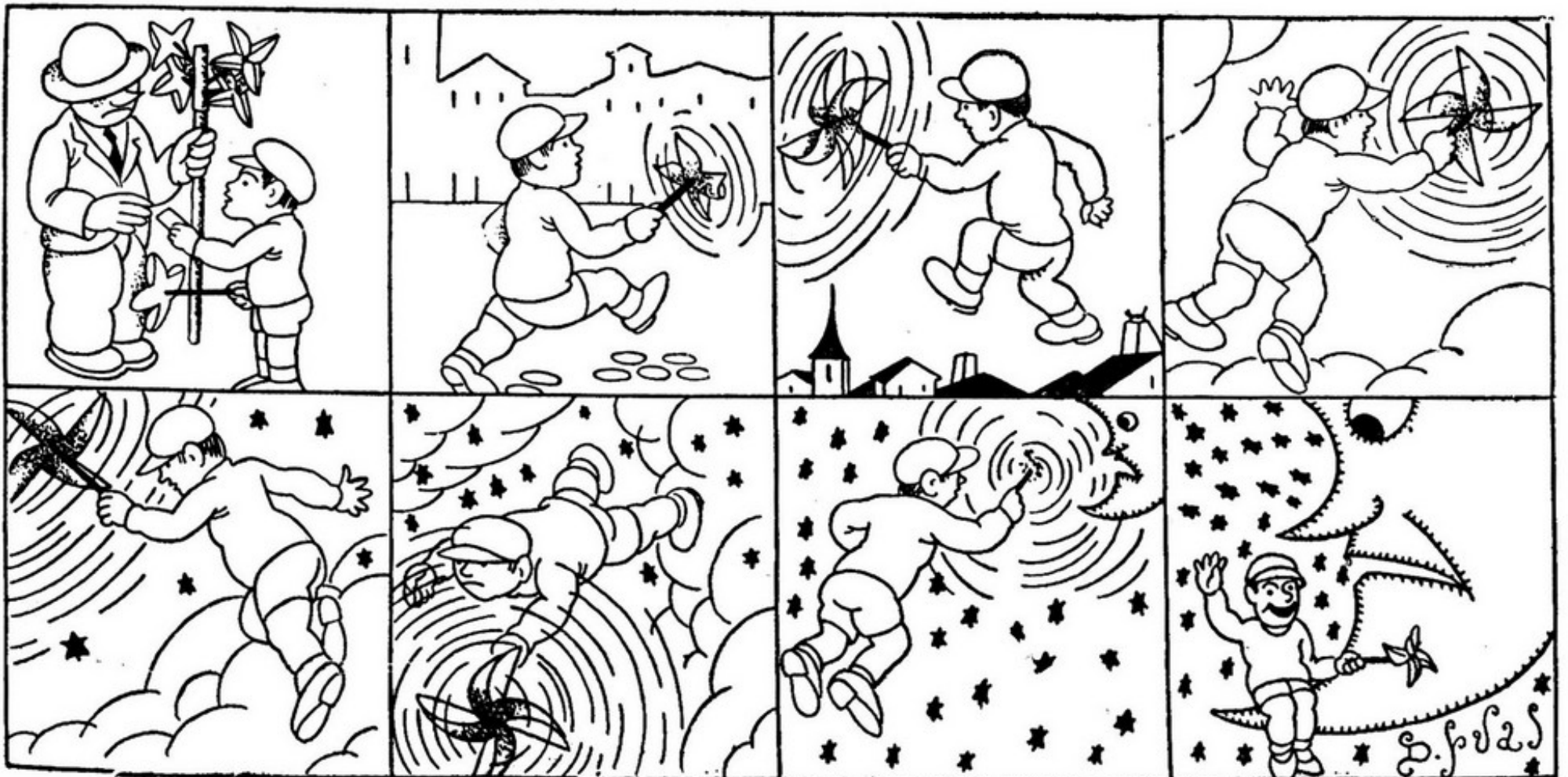
Uma vez que o *foot-ball* se desloca á sua custa, teve o Comité que permitir-lhe a inscrição. Mas impôs um delegado seu como chefe de *equipe*.

Quem? O sr. Manoel Latino, conhecido e competentissimo tecnico de hipismo.

Ora, não são os nossos jogadores da bola muito equiparaveis a cavaleiros. E, evidentemente, não houve da parte do Comité a minima ideia de os susceptibilizar com qualquer outra comparação menos correcta...

O Comité Olimpico quiz apenas revestir a sua proverbial hostilidade com um pouco de espirito subtil. Foi assim como que a dar a entender que o *foot-ball* é um jogo de coice...

## "RAID," A' LUA (Conto mudo)



# ECOS DA SEMANA

## O SUICIDIO DO MUNDO

MAIO 29



NOSSA... SENHORA DE FATIMA ME CONSERVE ESTE NEGOCIOZINHO DAS VELAS!..

### ANTES ... E DEPOIS



QUE VAMOS TER LUZ NAS RUAS HÁ JÁ P'R'AI QUEM MURMURE CAMARADA! SE ISTO É CERTO TEMOS DE USAR 'ABAT-JOUR'.



ANDAR AO PONTO DE NÃO PODER VER A LUZ!

VAMOS AMER... ESTAR... (DAM)UNS DIAS



OS NOSSOS ATLETAS A CANINHO DA OLIMPIADA

FESTAS EM AVEIRO FESTINHAS EM SAVEIRO



BREVEMENTE! INAUGURAÇÃO DA LINHA

-MAÑANA.. EN EL "HIERRO DE ENGOMAR!"  
-HOMBRE! QUE ÉS ESO "DE ENGOMAR?"  
-DESPUES LO VERÁS, HIJA MIA!

LISBOA - MADRID



BOTELHO